
**Comunicando resistências com João do Crato:
pedagogias dissidentes como proposta para a cidadania⁷³**

**Communicating resistance with João do Crato:
dissident pedagogies as a proposal for citizenship**

Walisson Angélico de ARAÚJO⁷⁴

RESUMO

Propõe-se, neste artigo, perceber como a presença de João do Crato, artista do Ceará, na arte e na cultura tensiona convenções sociais e colabora em reflexões sobre uma proposta de pedagogias dissidentes para repensar a cidadania por meio do coletivo e da resistência. Para isso, utilizou-se ferramentas da etnografia articuladas com a cartografia dos afetos. Com isso, conclui-se que o cantor e *performer* cumpre um papel de mediação na construção de uma teia de saberes localizados em prol da liberdade e do bem viver das pessoas baseada na educação popular.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação e cultura; Arte; Resistência; Corpo; Políticas.

ABSTRACT

It is proposed, in this article, to understand how the presence of João do Crato, an artist from Ceará, in art and culture tensions social conventions and collaborates in reflections on a proposal of dissident pedagogies to rethink citizenship through the collective and resistance. For this, tools of ethnography articulated with the cartography of affections were used. With this, it is concluded that the singer and performer fulfills a role of mediation in the construction of a web of knowledge located in favor of freedom and the well-being of people based on popular education.

KEYWORDS

Communication and culture; Art; Resistance; Body; Politics.

⁷³ Trabalho produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

⁷⁴ Recém-graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA); mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); e-mail: walissonangelico@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

João Ulisses Filho, popularmente conhecido como João do Crato, é cantor, ator, produtor, ativista cultural e *performer*.⁷⁵ O artista nasceu em 1954 em Aracatiáçu, distrito de Sobral, localizado a 230km de Fortaleza, capital do estado do Ceará, mas com apenas um ano de idade foi para o Sul do estado e se considera com orgulho filho do Crato, uma das cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri (RMC).⁷⁶ Viveu sua infância, adolescência e parte da vida adulta em meio ao regime militar brasileiro, que sucedeu entre os anos de 1964 e 1985, mas, antes disso, viveu na pele a repressão do coronelismo⁷⁷ instaurado no Cariri há séculos. João vê a necessidade de colocar em xeque os costumes da sociedade e ir além.

Este trabalho pretende desenvolver uma semente que ficou por germinar na monografia deste pesquisador apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), no final de 2020. Continuamos então o que Araújo (2020) pensa sobre a possibilidade de uma teia de saberes localizados que está sendo construída no Cariri por meio das mediações em que João do Crato se insere.

Pensamos aqui pela comunicação e pela cultura por parte de um recorte em desenvolvimento dos estudos com João do Crato na pesquisa desenvolvida no Mestrado na Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA).⁷⁸ Em outro momento, na monografia, me engajei em perceber com João do Crato, baseado nos estudos de Helena Katz e Christine Greiner (2005) sobre o corpo enquanto mídia política de si e que nos auxilia a perceber tecnologias comunicacionais e culturais que emergem pelo corpo em performance.

⁷⁵ Performer é quem cria, faz a performance e dá sentidos, trabalhando com vários códigos e possibilidades de combinações construídas a partir de experiências sensíveis, sendo que estes artistas, com as suas “[...] performances realizam uma crítica às situações de vida [...]” (GLUSBERG, 2009, p. 72).

⁷⁶ O território é composto por nove municípios, a saber: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririáçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. Informações disponíveis no link: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 25 out. 2021.

⁷⁷ Segundo contribuições de Galvão (2010), os coronéis apresentavam um estereótipo de poder quase absoluto, constituindo-os, assim, para a região, como líderes, pois eram ricos, poderosos, filhos de famílias importantes e há gerações donos de terras e poderes políticos no Nordeste.

⁷⁸ Este texto foi produzido em 2021, ano em que ingressei no mestrado, após concluir a graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Segundo Katz e Greiner (2005), o movimento seria a matriz da comunicação, que se manifesta dos gestos aos atos de fala. A comunicação, enquanto área que permite uma interdisciplinaridade, não pode ser ignorada também como produção de discurso (SODRÉ, 2002), pois a partir de uma abordagem pragmática, a linguagem passa a ser pensada como produtiva e não apenas reprodutiva (SETENTA, 2008).

As ações de João do Crato que emergem pelo corpo inserido no Cariri nos permite perceber possibilidades de tensionar convenções sociais e ser parte de dissidências tecidas pelas suas desobediências enquanto artista que resistiu ao movimento coronelista, à ditadura militar brasileira, assim como, sendo ele parte do movimento do *Rock Urbano* de Periferia que emergiu por volta dos anos 1970 contra o movimento repressivo em prol de liberdade. O cantor vivenciou também engajamentos dos discursos e imagens da cena contracultural que emergiu como forma de questionar e negar a cultura vigente diante de acontecimentos que estavam acontecendo, a saber, por exemplo, a guerra do Vietnã (1955 – 1975), a ditadura militar brasileira (1964 – 1985) e a guerra fria (1947 – 1991). O artista, também educador popular narra a partir das suas resistências e dos seus discursos formas de não aceitar os limites do corpo, não cedendo ao medo e pensando na construção em coletivo em prol de liberdade.

O uso de ferramentas da etnografia como o diário de campo e as entrevistas estão presentes desde 2019, ao qual a pesquisa se delinea utilizando-se como suporte a cartografia como proposta por Rolnik (2016, p. 23), ao qual se “[...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros.”. Dito de outra maneira, de acordo com Preciado (2017), uma cartografia é uma oposição à história, à sociologia, à psicologia e, de alguma forma, ao que nos proporciona visualizar apenas histórias predefinidas e normativas. A criação de mundos para o cartógrafo é essencial, “dar língua para os afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23), percebendo o que pode nos acontecer diante do encontro entre os corpos.

Afeto, neste texto, não será sobre paixão, carinho ou amizade, pelo contrário, será no sentido de afetar, de atingir, sensibilizar, de promover uma confluência capaz de nos permitir refletir sobre engajamentos políticos, subjetivos e identitários possíveis. O afeto aqui auxilia a perceber narrativas comprometidas com propostas de reflexões necessárias para o futuro.

Portanto, “as afecções nos projetam a um estado posterior através do qual a potência de ação dos nossos corpos é aumentada ou diminuída, ajudada ou reduzida.” (COLLING, 2021, p. 24).

Para contextualizar as reflexões sobre o campo da educação, utilizamos de entrevistas com João do Crato, assim como com Aparecida de Oliveira, professora readaptada do ensino fundamental e integrante da Associação Cristã de Base (ACB); Daniel Peixoto, cantor, ator e *performer* LGBTQIA+⁷⁹ e Ana Cristina Diôgo, socióloga e coordenadora do Instituto de Ecocidadania Juriti. Falas necessárias para as reflexões sobre uma proposta de educação popular a partir da arte como proposta para a cidadanias no Cariri. As pessoas que foram entrevistadas fazem parte da produção de dados utilizada para a análise com João, em busca de propor com elas formas de compreender como pode o artista ser importante para uma proposta educacional que flui a partir da arte e da comunicação do corpo que resiste como prática para cidadanias possíveis.

Pensando nas micropolíticas do saber e do corpo com João do Crato, pensamos em uma proposta de educação popular⁸⁰ que resiste com o artista nas suas andanças. Atravessamos em meio ao campo da cultura e da arte, pensando movimentos que vão de encontro à proposta modernista de educação ao qual o futuro já está determinado e ele é tomado por tecnologias de ponta, onde a potência do corpo parece ser subjulgada. Com João do Crato, pensar educação como prática para cidadanias é pensar a existência de vozes que se afetam – capacidade de afetar e de ser afetado –, engajadas, auxiliando de mãos dadas com outros/as/es, um movimento que não se compõe no singular, mas no plural.

COMUNICAR COM O CORPO

⁷⁹ LGBTQIA+ é a sigla utilizada para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais. O sinal “+” procura alcançar a reverberação das dissidências sexuais e de gênero nos contextos específicos.

⁸⁰ Não pretendemos utilizar o popular como conceito de uma produção folclórica ou como essência da tradição de um povo, sendo que segundo Canclini (2013, p. 23), esta, é prática “de estratégias instáveis, diversas [...]”, sendo a cultura popular definida como a conhecemos de forma generalizada pelo modo que o “[...] folclorista e o antropólogo levam à cena a cultura popular para o museu ou para a academia, os sociólogos e os políticos para os partidos, os comunicólogos para a mídia [de massa]” (CANCLINI, 2013, p. 23). Pensando com Janotti Jr. (2015, p. 54), em uma compreensão ampla sobre a cultura pop, ele afirma que esta se “corporifica em práticas cotidianas que abarcam o modo como as expressões culturais são propagadas enquanto algo da ordem do vivido”. Posto isso, aqui coloca-se o popular como uma forma híbrida e cosmopolita, entre passado e presente, sem essências, sem buscar narrar estereótipos saudosos sobre uma raiz inexistente.

Para Sodré (2002; 2014) e Greiner (2005), comunicação relaciona-se com o sentido de comunidade, da partilha, da continuidade, da exposição. As informações que partem ao campo externo são organizadas como sensações que serão processados pelo corpo. Greiner (2005, p. 51) discorre sobre a metáfora corporal ser “aquela que dá a partida para o discurso e, simultaneamente, para organização *in vivo* da comunicação, havendo uma clara dependência da referência orgânica para se entender o que significa comunicar algo”.

Almejando contribuir com este debate sobre comunicação, resistência e educação, está sendo tecido um diálogo sobre corpo e arte com João do Crato, podendo assim contribuir o artista para uma teia de saberes micropolíticos de si e de outros, uma colaboração de vozes, promovendo a coletividade como necessidade para se pensar em uma estratégia de sociedade que preze pela empatia e prática à(s) cidadania(s), ao qual acredita-se que esta, da maneira que a conhecemos, está corrompida, pois certos sobreviventes nem direito à educação de qualidade têm acesso. Posto isso, que outras possibilidades de educação e cidadanias são possíveis de serem pensadas?

A comunicação do corpo como pedagogia possível pode ser pensada por meio das mediações do artista ao qual ele pode proporcionar uma teia de aprendizados através da arte, das performances e da cultura; uma outra proposta para complementar com a área da educação, indo de encontro a uma educação formal e colonizante ministrada nas escolas de ensino básico do nosso país. Não se propõe inferiorizar a educação proposta pelas grades curriculares escolares, mas também não subjugar a importância da inserção de temáticas e de uma pedagogia pensada nas narrativas locais dos seus povos, não limitar estas a cristalizações temporais e históricas, pelo contrário, apresentar propostas de saberes em construção tecidos na coletividade cosmopolita contemporânea.

A existência de linguagens comuns a um grupo social é o que nos permite, como proposto por Hall (2016, p. 37), decodificar nossos pensamentos em “[...] palavras, sons ou imagens [...]”, sendo essas produções que dão sentido à linguagem, compondo parte da comunicação como uma troca de forças existenciais que fluem pelos corpos, produzidas pelos

sentidos e representações⁸¹, na forma de atravessamentos possibilitados pela experiência. Não podemos pensar nas representações do que compõe os campos da linguagem como algo estático e imutável, “afinal, nem tudo o que se comunica opera em torno de mensagens codificadas” (KATZ; GREINER, 2005, p. 133). Ou seja, ponto que com João, foi possível perceber outros sentidos e representações de um artista que pode auxiliar na produção de dissidências e (re)significação do campo comunicacional distante dos meios, propondo metodologias para o auxílio à educação local.

Pensando também com o campo da performance, me aproximo do que discorre Carlson (2009), para ele, a polissemia do conceito tem crescido, tendo outras concepções utilizadas para analisar e compreender diversas atividades humanas, excede assim o campo da arte:

Com a performance como uma espécie de suporte crítico, a metáfora da teatralidade extrapolou o campo das artes, em direção a quase todos os aspectos das tentativas modernas de compreender nossa condição e nossas atividades, por quase todos os ramos das ciências humanas. (CARLSON, 2009, p. 17).

Em contrapartida, não pensando junta da estrutura modernista e que busque compreender a limitar e finalizar conceitos, pensamos com Cardoso Filho e Gutmann (2019), onde ambos pontuam que a performance não é limitada a um objeto específico, pois ela se dá nos espaços das afecções, então, estas

[...] se revelam como uma espécie de forma-força (e não meramente a representação de uma ação) que indicam tanto as matrizes convencionais da ação quanto seus desvios disruptivos em determinados acontecimentos. Elas se constituem como um interessante objeto para o mapeamento das experiências estéticas no campo da comunicação. (CARDOSO FILHO; GUTMANN, 2019, p. 109).

Pensamos então no campo da performance como delinea Janotti Jr. (2015, p. 50), “[...] entendido de maneira ampla, como um modo de enformar materialmente experiências sensíveis e valores culturais presentes nos processos de “corporificação” da cultura pop. Um efeito de presença”.

⁸¹ Para Hall (2016), de forma resumida, representação é a produção de sentido formulada pela linguagem, sendo essa representação impotente para os processos pelos quais os significados são produzidos.

Nesta breve discussão entre corpo, comunicação, arte e performance, pensamos o que Araújo (2020, p. 82) discorreu em sua monografia com João do Crato: “[...] [a] arte como política que flui do corpo que é seu próprio meio de comunicação”, sendo que com o seu corpóliticomidiático⁸² o artista tece “[...] movimentos localizados que propõem uma não-categorização ou não-inclusão [...]” (*ibid.*) de si “[...] em padrões, compondo assim uma bricolagem temporal, cultural e de gênero; de dissidências que evocam desobediências às limitações tidas como norma pela sociedade” (*ibid.*). Evocar o corpo como meio/mídia não é focar na objetificação dele, mas disputar o espaço com o que conhecemos enquanto tal. Pense-se então próximo das mediações propostas pelo artista e seu corpo enquanto mídia política de si mediando processos entre a educação e cidadania.

TECENDO CIDADANIA E SABERES COM RESISTÊNCIA EM JOÃO DO CRATO

Ao assistir e analisar a entrevista cedida pelo artista (Figura 1) ao laboratório de telejornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), em 2019, João do Crato discorreu sobre o movimento contracultural no Cariri, ele trouxe à tona narrativas da repressão vivenciada na pele, “da crítica, no cotidiano, da rua”, ao qual “em plena ditadura militar a gente sofreu muitos baques [...]”, “a gente levou muito ‘telefone’⁸³, muita porrada, a gente não podia nem estar juntos”, lembrou o cantor pontuando que a intenção do movimento Xá de Flor⁸⁴ no Cariri foi “de fazer a revolução como um todo”⁸⁵ (ENTREVISTA, 2019).

⁸² Neologismo que sintetiza correlações entre os termos “corpopolítica” (GADELHA, 2018, p. 42) e corpomídia (KATZ; GREINER, 2005, p. 133).

⁸³ Expressão utilizada para representar agressão física realizada pela polícia, que com ambas as mãos golpeavam as orelhas das pessoas do movimento contracultural.

⁸⁴ Para Marques (2017) e Araújo (2020), o projeto de cultura alternativa do bar Xá de Flor foi um movimento libertário e de experimentação do corpo para artistas locais, parte do movimento contracultural local, sendo que o Xá de Flor foi nome de cachaça temperada com raízes e também do bar criado pelo amigo de João, o Blandino Lobo. O movimento foi produção de fluxos de aprendizados e de contestação à repressão através da arte. Acesse o link para conhecer o movimento Xá de Flor: <https://youtu.be/1dqdcBSkPxw>. Acesso em: 03 mar. 2021.

⁸⁵ Para acessar a entrevista completa acesse: <https://youtu.be/Dparut1JLoA>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Figura 1: João do Crato em entrevista para o Laboratório de Telejornalismo da UFCA



Fonte: captura de tela do YouTube.

Na primeira ida a campo, na casa do artista, enquanto ele falava sobre sua trajetória, percorreu também sobre alguns acontecimentos e momentos que construiu com outras pessoas, em coletivo. A coletividade em João do Crato é uma teia tecida por várias mãos, tensionando e desarticulando limites, inclusive no seu bairro, o São Miguel, na cidade do Crato, no Ceará. O *performer* argumentou que se não tinha palco para ele, teria para o povo, “para subir, para assistir, sabe, para quem queria desfilar, para quem queria cantar, recitar [...] para poder... porque eu acho isso muito significativo, né, eu acho que as pessoas precisam dessas válvulas de escape” (FILHO, 2019).⁸⁶

Portanto, pensando com este corpo político e mídia de si no campo da comunicação, é uma proposta tecer catalisações para esta escrita, próximas do que Alves e Nunes (2014, p. 4) discutem sobre a educação popular baseada em Paulo Freire e Ismar de Oliveira Soares, na qual elas propõem pensar de uma forma interdisciplinar, visualizando discutir os “[...] vários tipos de conhecimentos que se conectam na educação e na comunicação”. As autoras enfatizam que neste campo de estudos das duas áreas citadas anteriormente, refletir a cidadania, é de extrema relevância para se pensar e (re)articular um campo político. Posto isso, elas refletem sobre a “educomunicação” (ALVES; NUNES, 2014, p. 4).

⁸⁶ Entrevista realizada em 12 de abril de 2019 na casa do artista, no Crato.

João do Crato é também ativista da causa ambiental, atuante nos movimentos sociais e políticos, junto às atividades enquanto educador popular e mediador cultura, não se limita a narrativas convencionais, discorre sobre o desejo de um mundo melhor, onde as pessoas possam ser quem elas desejam e que tenham direitos básicos para poder viver. O artista se insere, é uma troca de saberes e aprendizados por meio da cultura e da arte para aqueles(as) das comunidades rurais, dos bairros menos favorecidos financeiramente da cidade, assim como para todos/as/es aqueles que podem vivenciar momentos com João do Crato.

Sobre algumas dessas experiências, posso destacar os seus shows com performances irreverentes pela forma que canta, dança e interage com o público; participação em eventos da educação, da comunicação e da cultura ou no desenvolvimento de atividades com as pessoas de mais idade que se reúnem no Crás do bairro Vila Alta, na cidade do Crato para desenvolver atividades mediadas pelo artista. Como João do Crato destaca, sempre buscou proporcionar para as pessoas uma forma de “dar um significado à vida” (FILHO, 2019).

Alves e Nunes (2014, p. 6), “[...] frente ao desenvolvimento da sociedade midiática, das novas tecnologias da comunicação e da informação e do deslocamento da escola como fonte privilegiada do conhecimento”, utilizam para a pesquisa delas “ferramentas comunicacionais” (*ibid.*), tecnologias, mas neste ponto, peço licença a elas, não para refutar as tecnologias, mas para apropriar do termo e falar de uma tecnologia que emerge dos processos comunicacionais construídos pelas ações do corpo.

Para João do Crato, como destaquei na monografia, só há aprendizados ou tensões às convenções sociais, pois “[...] existe algo que deve sempre prevalecer: a resistência” (ARAÚJO, 2020, p. 84). A educação popular com o artista é pensada na base do bem viver das pessoas, na liberdade, por isso é importante a educomunicação, nos permitindo a partir da experiência que emergiram pelo encontro com o artista, perceber os processos comunicacionais e culturais que nos apresente essa teia de saberes como possibilidade de conhecer outras partilhas de vida.

É uma pedagogia proposta pela construção da cidadania a partir do coletivo, pelas experiências vivenciadas pelo corpo e mediadas pela arte e a história de vida de João do Crato, aprendendo sobre o local que está inserido, sobre o que aconteceu no passado, mas não limitado à história já escrita e cristalizada no tempo, muito menos sobre uma verdade absoluta, mas sobre a experiência política de uma pessoa interessada em pensar na importância da cultura.

É ensinar pelas ações do corpo, na oralidade, nos afetos, ensinando com a arte que existe possibilidade de se tecer uma teia colaborativa de saberes que são importantes para a construção do coletivo. Das narrativas de João do Crato, uma teia vem sendo composta, entrelaçada por ideias, conceitos e pensamentos potentes de revoluções locais capazes de uma construção coletiva pautada na diferença e das conexões que podem ser desfeitas e refeitas.

Maria Aparecida de Oliveira, professora reformada, relembra de ter conhecido João no final dos anos 1980, no movimento popular e principalmente nas campanhas políticas populistas, onde o artista se apresentava nos comícios. Em uma das suas falas em entrevista realizada através do aplicativo WhatsApp ela falou que a forma de educar proposta por João “incentiva as pessoas a ser quem elas são, não importa [...]”, e o que é importante, na prática, é “que as crianças se soltam, se encontram, se encantam com a possibilidade [de aprender], principalmente porque a arte dá essa possibilidade”, ainda mais “quando essa arte vem com uma orientação de uma pessoa que vive isso, que é libertadora, que não tem preconceito de abraçar uma criança, de dar um carinho, de orientar, de dizer que ela é capaz, etc.. Isso fortalece ainda mais” (OLIVEIRA, 2020). Entretanto, após a fala anterior de Oliveira (2020), ela argumentou, possibilitando abertura para a reflexão que “[...] não existe esse espaço ainda na educação brasileira, pois ela é machista, homofóbica e patriarcal”.

João do Crato tece nas diversas espacialidades, nos bairros, nos locais marginalizados da cidade, na zona rural, nos espaços onde parece não se ter o apoio das instituições, uma forma de educomunicação aprendida na experiência e na troca com o artista, resistindo às normas e propondo ensinar a partir de ideias que convocam a liberdade, coletividade e emancipação dos corpos no Cariri.

Oliveira (2020) destacou também que o artista é tão importante para o cenário cultural que ela, junto com outras pessoas é que vão atrás dele, pois “a gente precisa da experiência e da vivência dele [...], querendo beber na fonte dele, nessa arte diferente”, pois para a educadora popular João do Crato é arte, educação, uma síntese de saberes. Mas seu maior orgulho, que nunca será capaz de esquecer, foi que “na convivência com João”, ela aprendeu a se “assumir como negra”, e isso “foi muito forte”, pois “[a] ajudou muito a crescer como pessoa” (OLIVEIRA, 2020). Sobre a sua parceria com João, ela não esquece que o artista está sempre à disposição para dar a sua parcela de contribuição para a construção de um mundo melhor.

“Uma sociedade do bem viver”, finaliza a professora, pontuando que “falar de João do Crato é falar de liberdade, libertação, empoderamento” (OLIVEIRA, 2020).

Já para Daniel Peixoto Cordeiro de Farias, mais conhecido como Daniel Peixoto, cantor e *performer* artístico, natural de Fortaleza, viveu sua infância e adolescência no Crato, relembra que no final dos anos 1990 passou por “absurdos gigantes de homofobia no Crato”, de insultos à violência, o que fez ele sair do Crato em 1999, já alguns amigos dele “[...] foram mortos ou se suicidaram por conta dessa não aceitação dos corpos [...]” (FARIAS, 2020).

Destaco também da entrevista com o artista Daniel Peixoto a importância de João do Crato para a sua vida: “João é uma pessoa que com certeza trouxe muita informação e muita coragem para eu seguir fazendo as coisas. E ele é um super artista” (FARIAS, 2020). Para finalizar este trabalho, trago um pequeno trecho da entrevista com a socióloga Cristina Diôgo, realizada e respondida por meio de documento digitado. Residente da cidade de Juazeiro do Norte, ela esteve presente em experiências como o Bar Xá de Flor onde João do Crato se apresentava cantando e dançando com as suas performances. Para ela, é importante aprendermos com o artista, pois ele é “uma dessas lendas vivas, que ao longo da sua trajetória se faz presente em múltiplos espaços dos fazeres e saberes da nossa sociedade” (MELO, 2020).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Continuarei esta discussão com João do Crato em discussões futuras, então, enquanto considerações para finalizar este texto, percebi que o artista costura movimentos dissidentes, promovendo uma comunicação distante dos meios hegemônicos, composta em colaboração de outros, como forma de propor narrativas e tensões importantes, mesmo que de forma localizada às convenções sociais.

João nos permite perceber tecnologias e processos comunicacionais por meio da sua produção enquanto artista e educador popular, baseados nos discursos, nas suas ações, na forma de ser e estar presente do artista no Cariri, especificamente na cidade do Crato, nos permitindo pensar sobre a importância da educação e da construção da comunidade em coletivo, para pensarmos assim na cidadania baseada no bem viver das pessoas.

A proposta educacional que está sendo apresentada pelo campo da comunicação e da cultura com artista, prontifica-se como discussão necessária, pois parece ensinar a partir da arte e de uma pedagogia localizada que vai de encontro a da matriz hegemônica produzida sob as lentes determinantes do modernismo. A cidadania com João do Crato é tecida na resistência, transformando-a em prática pedagógica criativa e em coletivo de expansão para o próprio termo, construída pela ação do corpo na experiência com a arte. Estas tecnologias e processos comunicacionais que emergem pelas corporeidades em interação propõem políticas que nos auxiliam a questionar os próprios limites e convenções sociais.

João do Crato nos ensina sobre a mediação e constituição de uma teia de saberes localizados que se expande em busca de experienciar as distintas formas de ser e existir a partir da construção de partilhas pensadas no bem viver em coletivo na cultura. É compor o enredo das disputas em campo, buscando realocar, a partir das práticas artísticas do corpo, os conhecimentos às margens para o centro de discussões micropolíticas capazes de produzir tensão às convenções sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Iacy Samylla Sobreira; NUNES, Rosane da Silva. Educomunicação e cidadania: um olhar sobre projetos de comunicação em escolas no cariri. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 1, n. 6, p. 3-16, 2014.
- ARAÚJO, W. A. **Estéticas da Alquimia em João do Crato**: tecnologias dissidentes do corpomídia no cariri cearense. 2020. 99 f. Monografia (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2020.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4 ed. 6. reimp. São Paulo: Edusp, 2013.
- CARDOSO FILHO, Jorge.; GUTMANN, Juliana. Performances como expressões da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos. **InTexto**, Porto Alegre, v. 47, p. 104-120, 2019.
- CARLSON, Marvin. performance: Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COLLING, Leandro. **A Vontade de Expor**: arte, gêneros e sexualidades. Salvador: EDUFBA, 2021.
- ENTREVISTA - João do Crato. Direção de Walisson A. de Araújo. Produção de Walisson A. de Araújo *et al.*. Coordenação de Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira. Juazeiro do Norte, 2019. (26 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dparut1JLoA&t=123s>. Acesso em: 03 abr. 2021.

-
- FARIAS, Daniel Peixoto Cordeiro de. [Sobre João do Crato]. WhatsApp: conversa com Daniel Peixoto. 18 ago. 2020. 9 mensagens de WhatsApp.
- FILHO, João Ulisses. Entrevista com João do Crato. Entrevistador: Walisson Angélico Araújo. Crato: Casa de João do Crato. 102 minutos. 12 abr. 2019.
- GADELHA, Kaciano. Corpopolítica: Errâncias Poéticas Decolonizando Roteiros. In: **Catálogo Palco Giratório**: Circuito Nacional. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2018a.
- GALVÃO, André Luís Machado. **O coronelismo nas narrativas de Wilson Lins**: espaços de poder. Feira de Santana, 2010, 120 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). PPG/LDC, UEFS, 2010.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. 2ª reimpr. da 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio: Apicuri, 2016.
- JANOTTI JR., Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, PEREIRA DE SÁ, S. (org.); CARREIRO, R. (org.); FERRAZ, R. (org.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 45-55.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O Corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.
- MARQUES, Roberto. Bar Xá de Flor: Experiências Queer no Interior do Ceará. MUNDO DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO, 13., 2017, Florianópolis. **Anais**. [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em:
https://www.academia.edu/34669259/Bar_Xá_de_Flor_Experiências_queer_no_interior_do_Ceará. Acesso em: 15 out. 2020.
- MELO, Cristina Diôgo Gomes de O. Entrevista concedida a Walisson Angélico de Araújo. Juazeiro do Norte, 01 set. 2020.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida de. [Sobre João do Crato]. WhatsApp: conversa com Maria de Aparecida. 03 jul. 2020. 8 mensagens de WhatsApp.
- PRECIADO, Paul B. Cartografias “queer”: o “flaneur” perverso, a lésbica topográfica e a puta multicultográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. **eRevista Performatus**, Inhumas, n. 17, 2017. Disponível em:
<https://performatus.com.br/traducoes/cartografias-queer/>. Acesso em: 15 out. 2020
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2016.
- SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: Edufba, 2008.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
-